NOSSA HISTÓRIA

SMEd
Secretaria de Município da Educação

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO PEDAGÓGICA

DARLENE TORRADA PEREIRA
Prefeita Municipal do Rio Grande

CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS
Secretária de Município da Educação

SICERO AGOSTINHO MIRANDA
Secretário Adjunto de Município da Educação

FELIPE ALONSO DOS SANTOS
Superintendência de Gestão Pedagógica

TIAGO DE MATTOS CARDOSO
Gerencia de Gestão Escolar e Pedagógica

DÉBORA SOUZA GOULART
Gerência de Projetos Educacionais

NÚCLEO DE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
Giovana Pontes Farias
Rejane de Oliveira Gomes

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL
Karine Ferreira Sanchez
Lidiane Fonseca Dutra

NOSSA HISTÓRIA
Pesquisa e texto: Rejane de Oliveira Gomes
Projeto gráfico e atividades de Artes: Lidiane Fonseca Dutra
Revisão linguística: Lisiane Ferreira de Lima

Querido(a) professor(a),

Este material foi pensado com muito cuidado e afeto para apoiar educadores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais no importante trabalho de fortalecer a identidade, o pertencimento e a valorização da diversidade étnico-racial entre as crianças. Intitulado como material do Mês da Autodeclaração, ele nasce como uma ferramenta pedagógica para que, desde cedo, nossas crianças possam se enxergar, se nomear e se orgulhar de quem são.

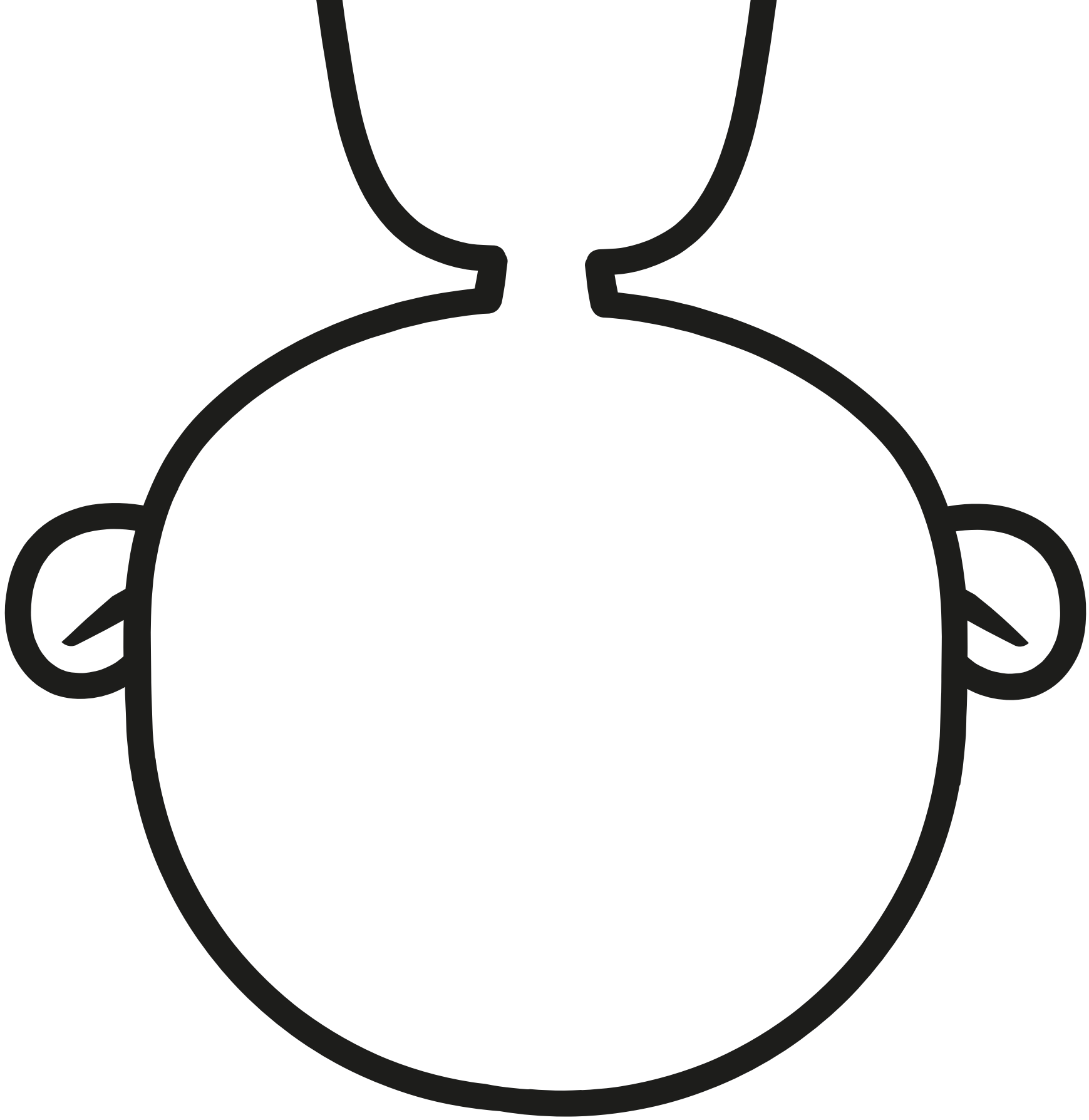
O ponto de partida do autorretrato é uma proposta que convida cada criança olhar para si mesma com amor e consciência, reconhecendo suas características, suas origens e sua beleza única. Ao lado do autorretrato, apresentamos também retratos de outras crianças de diferentes etnias, cores, traços e culturas, compondo um mosaico visual que reafirma que o Brasil é um país plural, rico em histórias, rostos e saberes.

Juntamente com autorretrato, o professor deverá estimular o estudante a escrever relatos de sua biografia, abordando a sua imagem, gostos e preferências, reconhecendo a sua própria historia e experimentando a história dos colegas.

Mais do que um material lúdico, o documento é um convite à conversa, à escuta e ao acolhimento. Desejamos que cada página seja um espelho para quem se vê representado e uma janela para que todos possam enxergar e respeitar as diferenças e belezas que existem em cada um. Almejamos que este trabalho inspire práticas antirracistas desde a infância, cultivando em nossas escolas a valorização cultural, a diversidade e a inclusão.

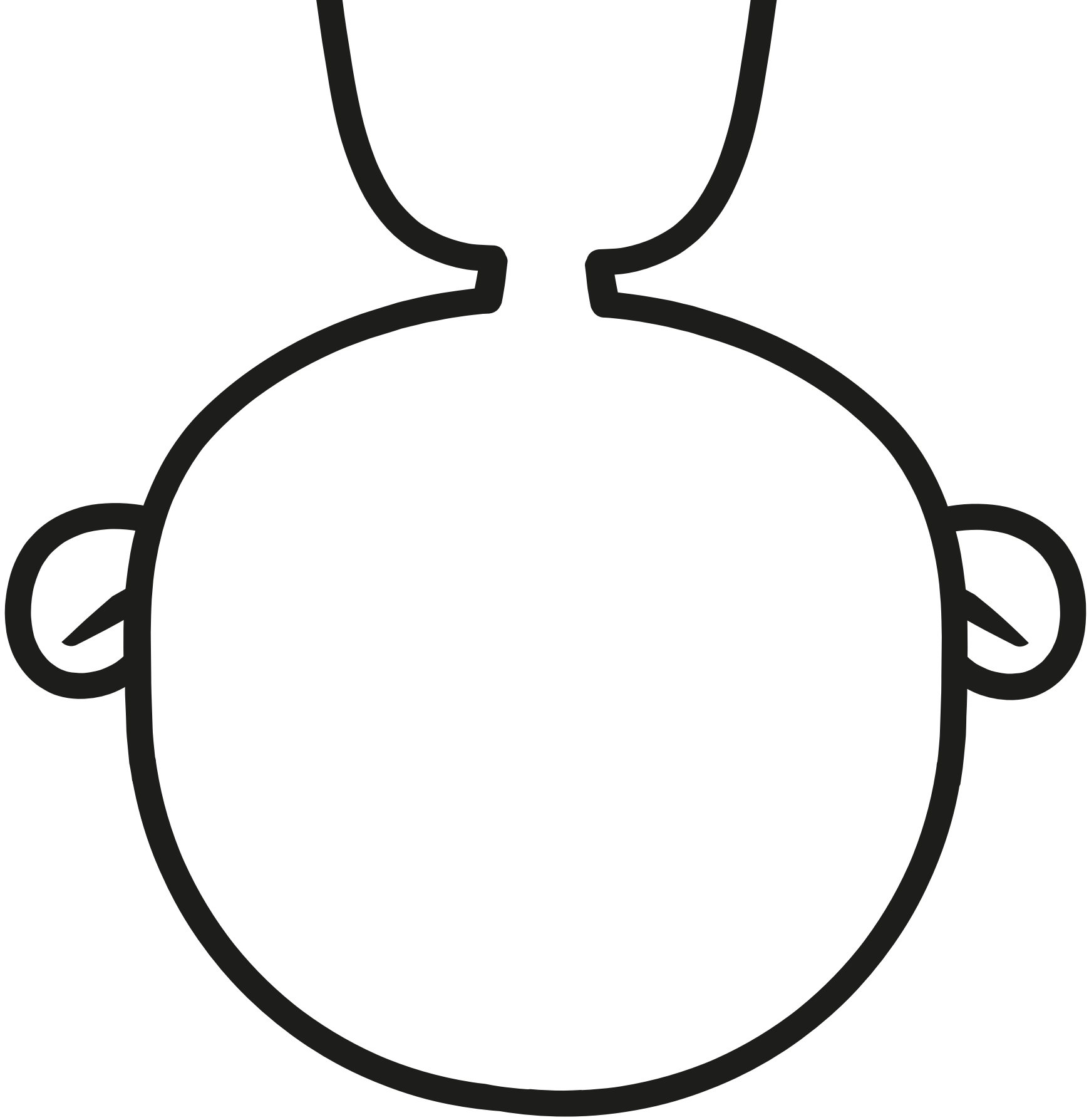
Vamos juntos construir um espaço onde cada criança possa dizer com orgulho: "Essa sou eu! Esse sou eu!" E que essa fala venha carregada de verdade, reconhecimento e alegria.

Núcleo de Relações Étnico-Racias



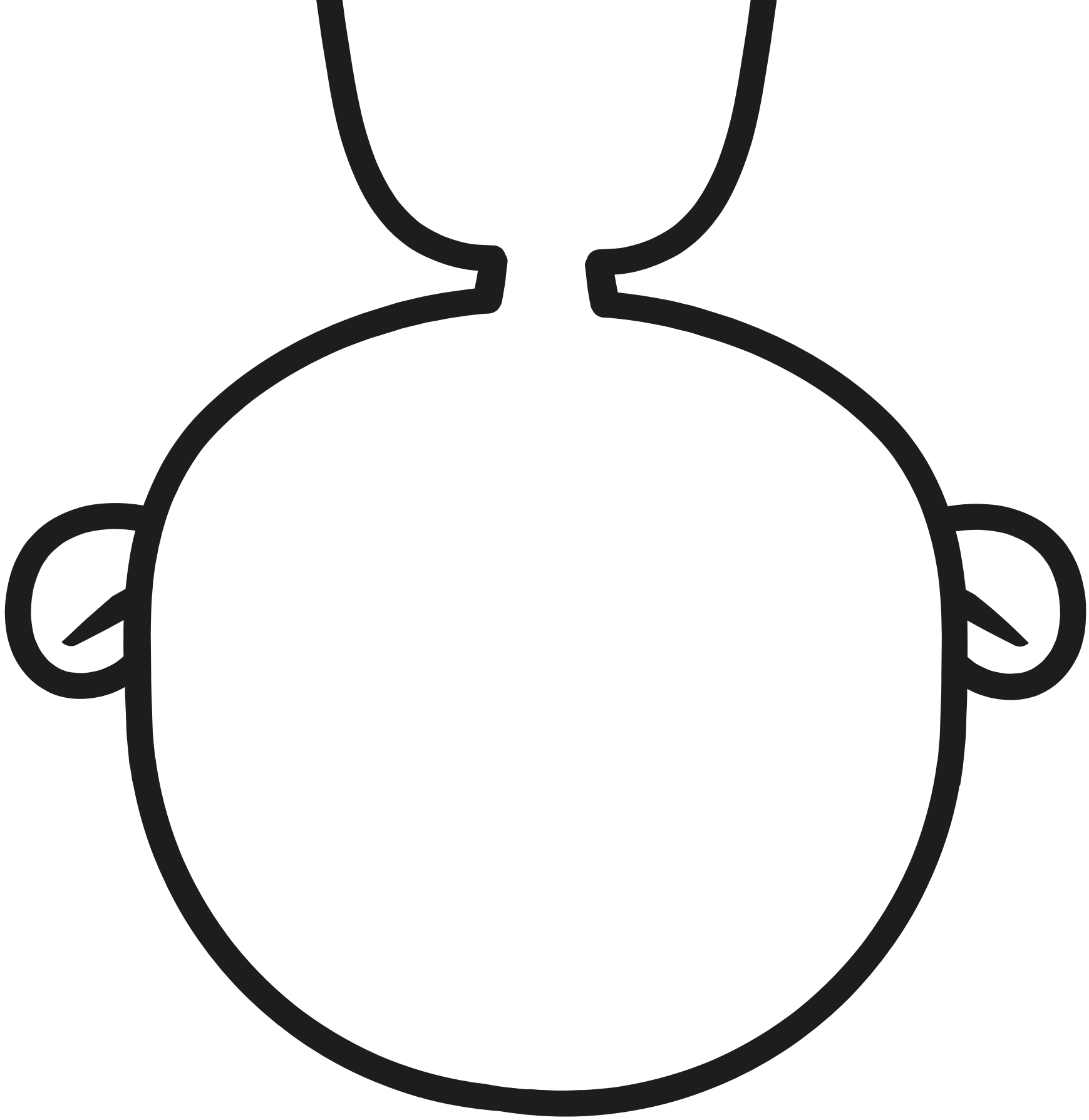
Meu nome é **Iara**, que em nossa língua significa “senhora das águas“. Tenho o cabelo bem preto, liso como o rio quando está calmo, e ele desce quase até minha cintura. Minha pele tem a cor da terra molhada depois da chuva, e meus olhos são escuros e atentos, como quem sempre está escutando o vento e o que ele traz. Gosto de andar descalça porque sinto que a terra me chama, e meus pés sabem o caminho mesmo como quando eu não quero ir pra escola.

O que eu mais gosto é de estar no mato que tem, atrás do quintal da casa do meu avô, ouvindo ele contar histórias dos seres que habitam nas matas e dos bichos encantados e também como os nossos antigos falavam com a natureza. Também gosto de pintar com as sementes de urucum, nadar no rio com meus primos, e brincar de esconder entre as folhas grandes como se eu fosse invisível. Às vezes fico deitada olhando o céu, imaginando que cada nuvem é um grande animal, e que elas se transformam em bichos porque querem brincar com a gente.



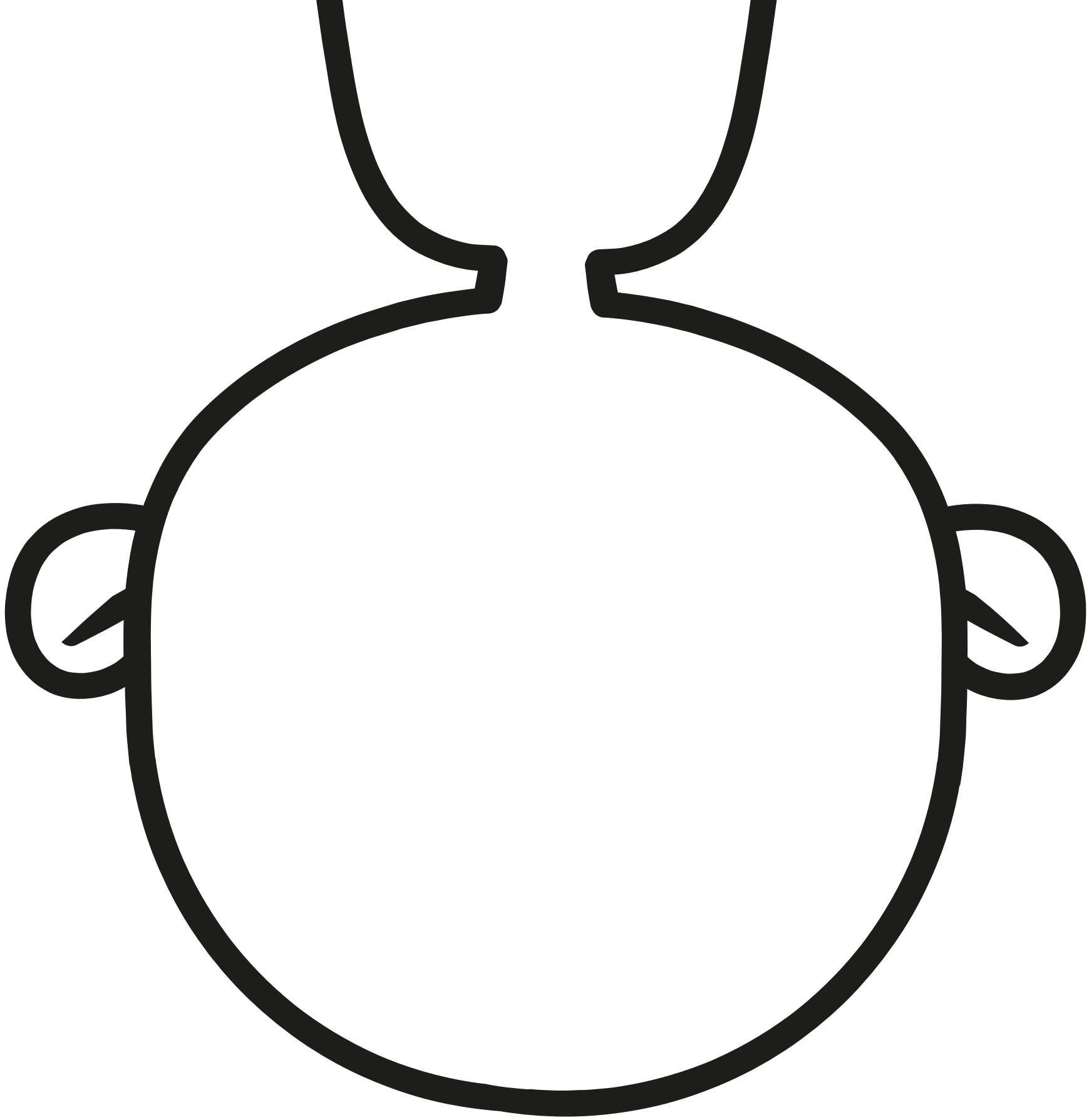
Meu nome é **Zuri**, que quer dizer "bela" na língua suaíli. Tenho a pele da cor do tronco do cacauero, que minha avó diz ser a cor da força e da raiz. Meu cabelo é crespo, cheio de voltas e voltas, como as histórias que minha mãe conta antes de eu dormir, e eu gosto de enfeitar ele com laços coloridos ou deixar ele solto, bem alto, parecendo que quer tocar o céu. Meus olhos são grandes, vivos e minha risada é do tipo que enche a casa toda, como dos intrumentos de bater, no meio das festas que costumamos celebrar.

Eu gosto mesmo é de dançar. Danço quando estou feliz, danço quando estou com raiva também e quando danço, parece que meus pés sabem pra onde eles devem ir. Gosto de ouvir as batidas do rap, do samba, do axé e inventar passos com meus primos no quintal. Também adoro desenhar mulheres com turbante, homens com abadas coloridos, casas cheias de cor. Às vezes sento na calçada só pra olhar o mundo passar e imaginar histórias. Minha avó diz que eu carrego muita coisa bonita dentro de mim e eu acredito, porque ser criança preta é crescer ouvindo muitas histórias de reis e rainhas de Gana Mali e Daomé .



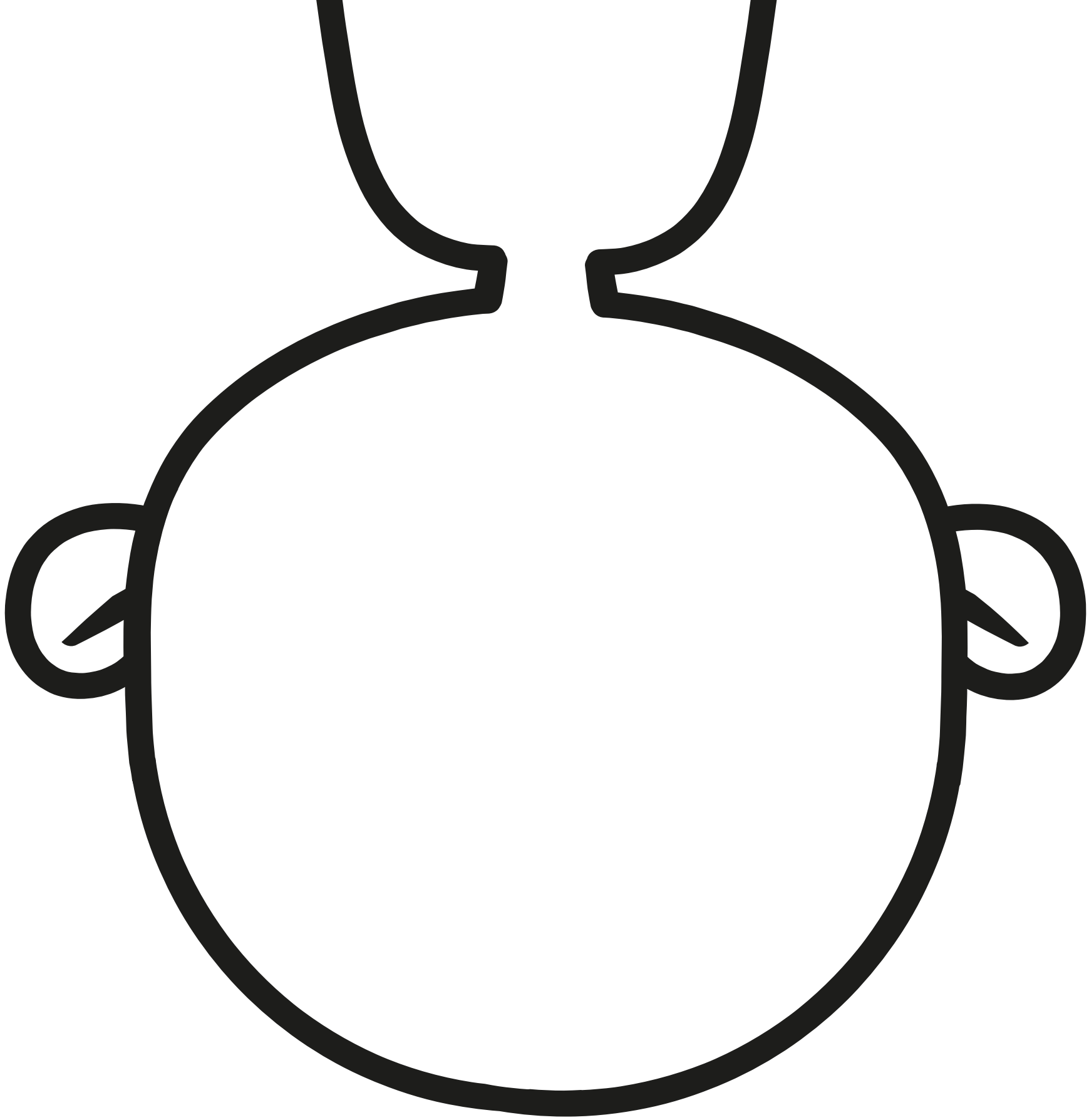
Meu nome é **Akemi**, que quer dizer "beleza brilhante" em japonês. Meus cabelos são lisos e escuros como uma noite bem fechada e eu gosto de prender em dois coques ou deixar solto quando o vento está calmo. Meus olhos são puxadinhos, como os da minha mãe e da minha avó, e neles mora uma curiosidade que não para nunca. Tenho a pele clara, como porcelana daquelas bem delicadas, e caminho devagar porque gosto de prestar atenção em tudo, nos pequenos sons, nas folhas que caem, no jeito das formigas caminhando em fila.

O que eu mais gosto de fazer é desenhar e escrever histórias. Crio mundos com dragões, gatos falantes e florestas onde a brisa conta segredos. Também adoro dobrar papel em origami. Esse é o nome da arte que a minha família ensinou a dobrar as folhas comuns e transformar em passarinhos, flores e estrelas. Às vezes ajudo meu avô no jardim, plantando chás e falando pouco, só ouvindo o silêncio bonito que ele diz que é parte da sabedoria do nosso povo. Ser uma menina oriental é carregar tradições antigas, até mesmo milenares de um povo que aprecia a arte em seus mais diversos formatos.



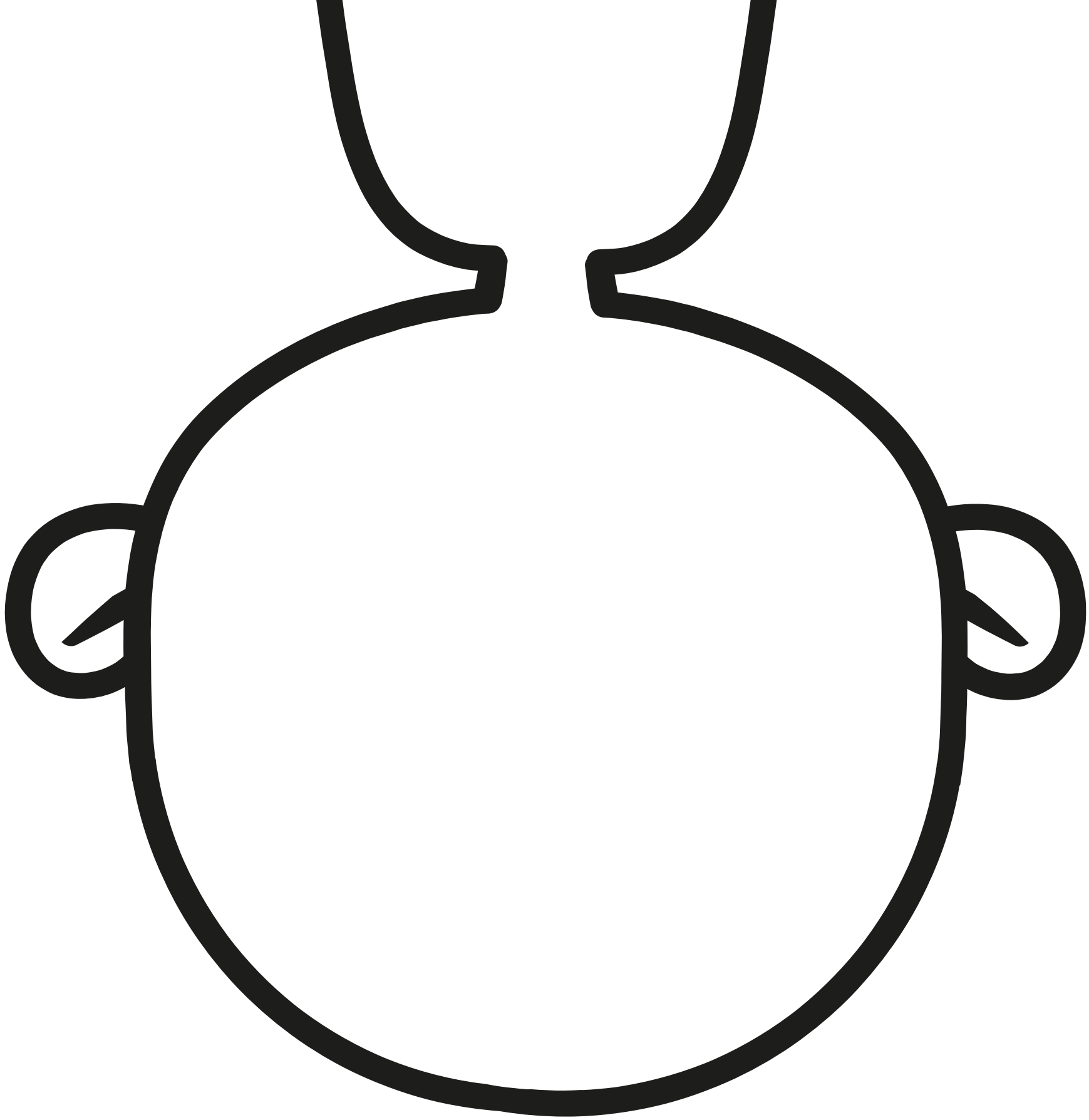
Meu nome é **Joana**, mas meu avô me chama de Flor , porque diz que nasci com a força e beleza de um conjunto de flores. Minha pele é cor de mel, mistura bonita de tantas raízes que nem sei contar, já que tem gente preta, indígena, branca... tudo junto no meio da minha família. Meu cabelo é cheio de ondas e volume, às vezes, embaraçando quando esqueço de passar meus cremes, mas eu gosto dele assim mesmo, porque cada fio conta uma história. Meus olhos são castanhos, quase dourados no sol e vivem como se estivessem sempre procurando alguma coisa mágica no mundo.

Gosto de brincar de casinha na rua, de correr descalça no barro depois da chuva, de inventar músicas com minha irmã no quintal. Também adoro ouvir as histórias da minha mãe, ela fala de quando era menina e pulava corda, fazia bolo em forno de barro e ainda cuidava dos meus irmãos. Na escola, gosto de desenhar e de falar nas rodas de conversa porque tenho muita coisa dentro de mim querendo sair. Ser uma criança parda é viver com o coração cheio de brasilidade: é ter muitos mundos em um só corpo, muitas vozes no peito e crescer aprendendo a se orgulhar de cada detalhe que compõe a minha história e que me faz ser quem sou.



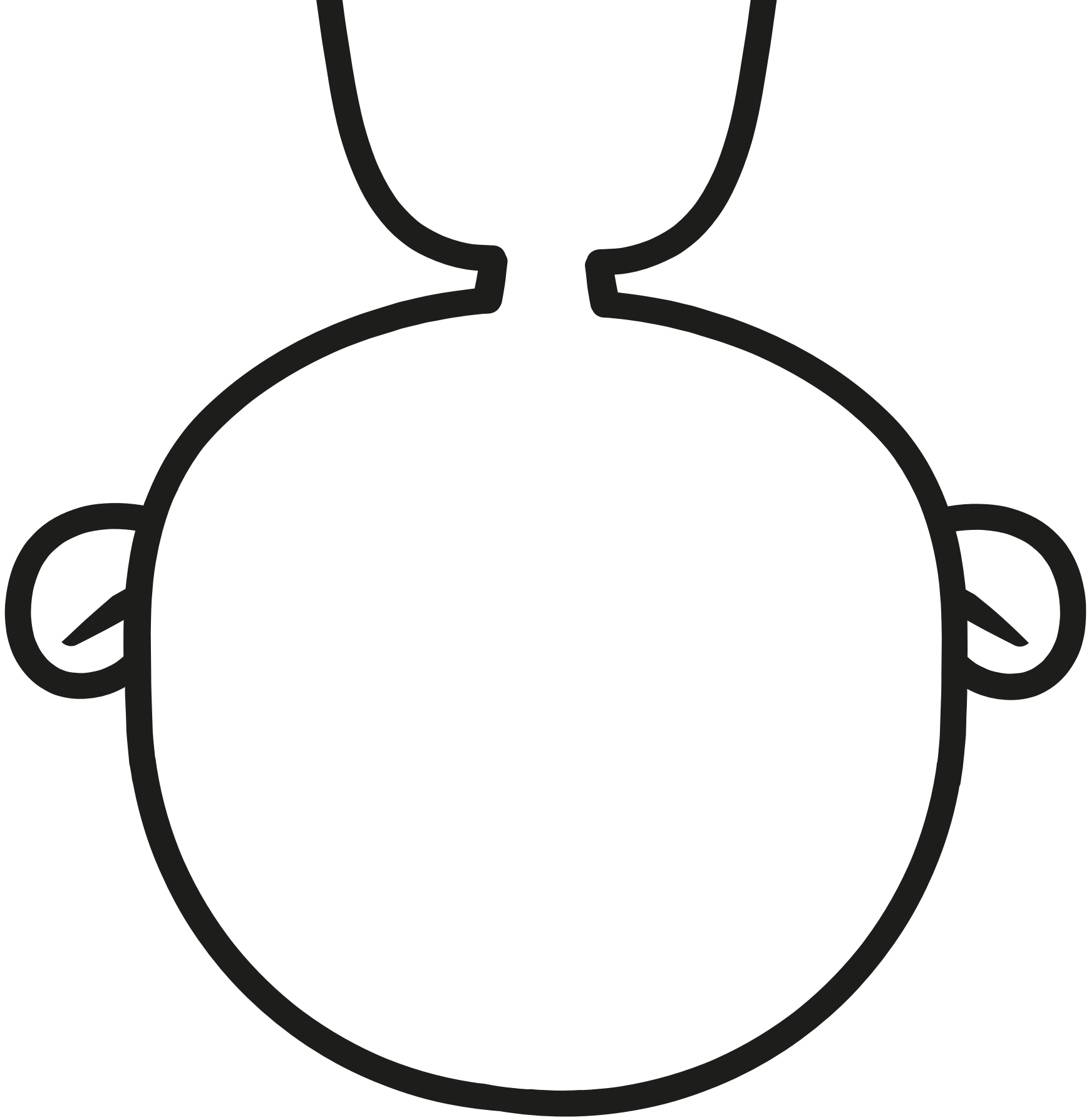
Meu nome é **Mateus**, mas minha avó me chama de Tiquinho, porque quando nasci era bem pequenininho. Tenho a pele bem clara, que fica vermelha rapidinho no sol, por isso vivo todo cheio de protetor solar até mesmo no inverno, pois minha mãe tem medo que eu comece a descascar todo. Meus cabelos são loiros, meio bagunçados e meus olhos são verdes da cor da folha da árvore que tem perto da casa da minha tia no interior. Gosto de correr até cansar, andar de bicicleta com meus amigos e soltar pipa quando o céu está limpo e o vento está forte.

Adoro ir nas festas da minha família, comer bolo de milho, ver as roupas da corda balançando e ouvir o som da viola que meu tio diz que não toca direito, mas que todos elogiam. Também gosto de ajudar meu avô na horta e de ouvir as histórias antigas que ele conta, do tempo em que tudo era mato e a água vinha direto da bica. Na escola, minha alegria é a hora do recreio e de inventar personagens nas produções textuais que a professora pede. Minha pele branca revela machucados que as vezes nem eu sei onde aconteceram, mas demostram que a brincadeira estava boa, e que estou aprendendo a me cuidar melhor e também a cuidar do outro, porque sinto que o mundo só se torna um pouco mais justo quando a gente caminha junto.



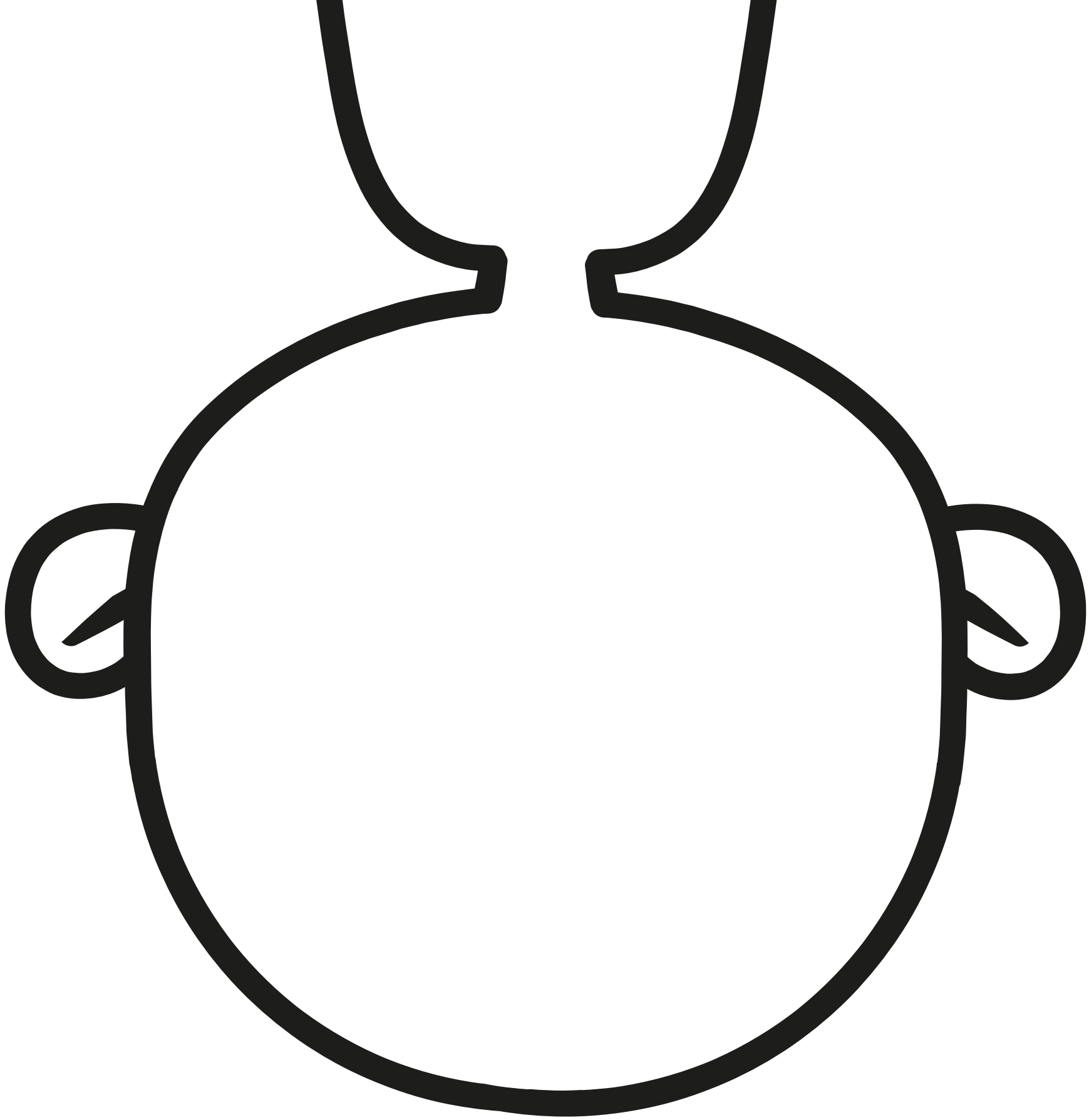
Meu nome é **Malê**, que é nome de luta e de realeza. Minha pele é bem escura e minha avó diz que nela brilha uma especie de sol antigo que vem de longe, do tempo dos reis e rainhas da África. Meu cabelo é bem crespo, grande e forte. Gosto de usar ele com tranças ou em um tecido colorido no alto da cabeça, parecendo coroa. Meus olhos são escuros, firmes e meu sorriso aparece fácil, quando meus amigos fazem brincadeiras onde eu começo a rir sem parar.

O que mais gosto é de ouvir os músicos na roda de capoeira, de dançar ao som do berimbau e de aprender as palavras do meu povo. Também amo desenhar meninas pretas como eu, com roupas bem coloridas e olhos poderosos, porque quero que todo mundo se veja bonito assim como me vejo. Na escola, gosto de falar nas apresentações e de escrever poesia. Ser uma criança preta retinta é sentir todo dia que a beleza do mundo pode estar escondida dentro da gente, e as vezes gritando com orgulho do povo ao qual pertenço: eu sou raiz, sou força e sou futuro.



Meu nome é **Clara** e minha mãe diz que escolheu esse nome porque eu iluminei tudo quando nasci, mesmo tendo os cabelos escuros e olhos que parecem desenhados na cor carvão. Minha pele é clara, daquelas que se enche de sardas no verão e eu gosto quando dizem que pareço personagem de livro antigo ou que pareço a branca de neve. Meus cabelos são lisos e pretinhos e sempre estão soltos, voando com o vento ou grudados no rosto quando brinco de correr na chuva.

Eu adoro inventar histórias com dragões, planetas distantes, ou princesas que usam tênis e salvam os garotos. Também gosto de desenhar no chão com giz colorido e de observar as formigas como se fossem gente. Nas festas de família, fico sentada ouvindo os mais velhos falarem porque acho bonito quando a voz deles conta as histórias que já ouvi mil vezes. Ser uma criança de pele clara e cabelos castanhos me faz feliz, pois entendo que tenho muito que aprender, mas sei que é possível dividir, escutar e me desenvolver como uma criança que se desafia a cada dia a descobrir a boniteza de novos mundos.

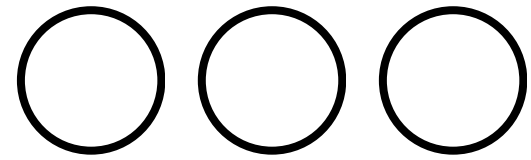


Agora é a sua vez!

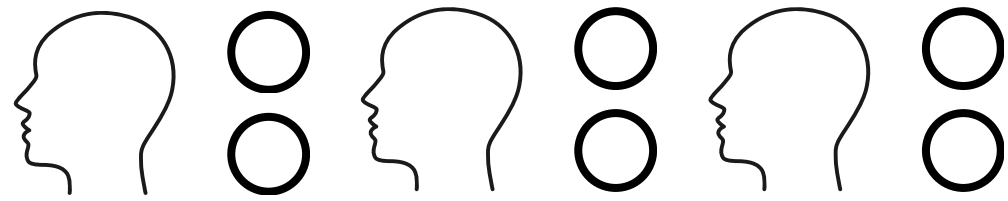
Conte a sua história: como é o seu rostinho, seu cabelo, quais são as coisas que você mais gosta (cores, comidas, animais, lugares...). Em seguida, pinte o seu autorretrato e faça parte da NOSSA HISTÓRIA.

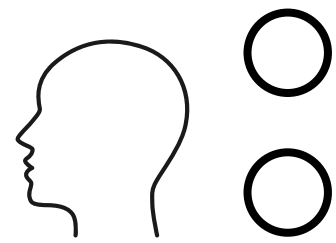
Testando misturas para chegar ao tom de pele

Mistura das 3 cores primárias

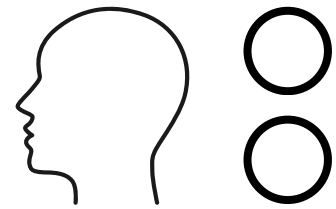


Mistura das primárias +
cada uma das complementares

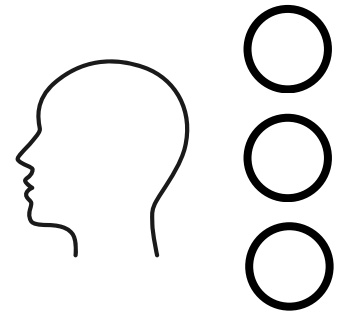




Mistura de vermelho e azul

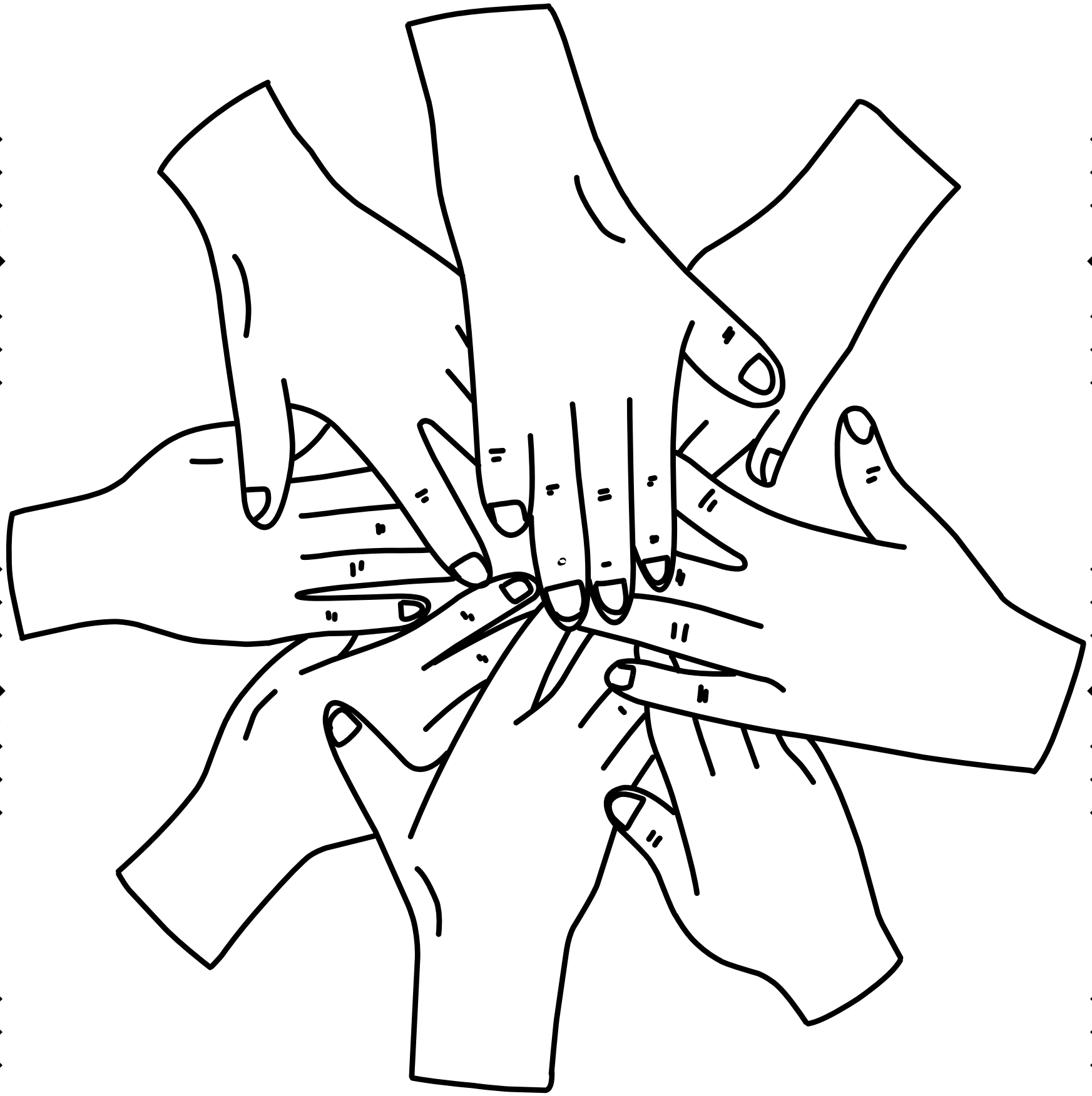


Mistura de amarelo com roxo



Mistura de vermelho, amarelo e preto

Quantas cores de pele podemos identificar em nossa sala de aula? Pinte as mãos com as cores que encontrar!



DOCTRG

Artes - Anos Iniciais
(EF15AR01-RG01) Pesquisar, conhecer, identificar e apreciar formas distintas das Artes Visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético, a partir da diversidade cultural em âmbito mundial, nacional, regional e local.
(EF15AR25-RG25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, da cultura internacional e nacional, destacando a rio-grandina e suas matrizes indígenas, africanas e europeias - de distintas épocas, potencializando a criação em diferentes linguagens artísticas.

Artes - Anos Finais
(EF69AR02-RG02) Pesquisar, compreender, apreciar, analisar e experienciar formas distintas das Artes Visuais, desde a pré-história até a contemporaneidade, em manifestações artísticas estrangeiras, brasileiras e rio-grandinas de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, valorizando estilos da arte.
(EF69AR31-RG31) Experienciar, pesquisar e relacionar diversas práticas artísticas, atribuindo significados às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética, sobretudo no contexto rio-grandino.
(EF69AR34-RG34) Conhecer, analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a rio-grandina, bem como a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas, fortalecendo a identidade cultural local.

Bibliografia

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 jul. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 22 abr. 2025.

Estabelece diretrizes para a promoção da igualdade racial e define mecanismos para a implementação de políticas públicas destinadas a combater a discriminação racial e étnica.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

Analisa as categorias de classificação de cor ou raça utilizadas no Brasil, destacando a importância da autodeclaração e suas implicações nas estatísticas oficiais.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: entre saberes e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Explora a construção da identidade negra no contexto educacional, enfatizando a importância da formação de professores para a promoção da igualdade racial.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Identidade e diferença: a construção da identidade negra no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2002.

Discute os processos de construção da identidade negra no Brasil, considerando as dinâmicas sociais e culturais que influenciam a autodeclaração racial.

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

NOSSA HISTÓRIA

SMEd

Secretaria de Município da Educação